

Brigitte Baptiste-Ballera



transEcologia

Um guia patafísico para
habitar as transformações
do mundo

CRÍTICA

TECHNO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Brigitte Baptiste-Ballera

transEcologia

Um guia patafísico para
habitar as transformações
do mundo

Tradução
Bruno Mattos

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Brigitte Baptiste-Ballera, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Bruno Mattos, 2026
Todos os direitos reservados.

Título original: *transEcología: Una guía patafísica para habitar las transformaciones del mundo*

Preparação: Karina Macedo
Revisão: Bonie Santos e Yonghui Qio
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa e imagem de capa: Daniel Villamizar
Adaptação de capa: Sandra Fava

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Baptiste-Ballera, Brigitte
transEcología : um guia patafísico para habitar as transformações do mundo / Brigitte
Baptiste-Ballera ; tradução de Bruno Mattos. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
176 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-4186-0

Título original: transEcología: Una guía patafísica para habitar las transformaciones
del mundo

1. Ecologia 2. Sociedade e meio ambiente I. Título II. Mattos, Bruno

26-1104

CDD 304.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Ecologia

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo-SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

<i>Prólogo – Ecologia crisálida</i>	11
<i>Prefácio</i>	17
<i>Introdução</i>	23
0. As origens: entre a descendência africana e a ascendência onipresente	37
1. Ecofeminismos: a progressiva irrelevância do gênero	45
2. Etnoecologias: os conhecimentos nativos e a multiplicidade de naturezas	59
3. Ecologias da Modernidade: ao encontro das entidades emergentes e suas relações transtornadas ..	83
4. Ecologia política: a arte de focalizar (e acomodar) as relações vitais	105
5. Ecologias da transcendência ou o retorno da espiritualidade abstrata	121
6. Ciberecologias: o gratificante desafio de redesenhar o mundo	129

<i>Conclusão – O problema da natureza e da sustentabilidade</i>	153
<i>Epílogo</i>	159
<i>Leituras seminais</i>	161
<i>Referências adicionais</i>	169
<i>Agradecimentos</i>	171

CRÍTICA

AS ORIGENS: ENTRE A DESCENDÊNCIA AFRICANA E A ASCENDÊNCIA ONIPRESENTE

Caminhando incessantemente pelas margens dos continentes, uma onda após a outra, manadas de humanos povoaram a Terra. Partindo do centro da África há cerca de 200 mil anos,¹ o milagre da reprodução auxiliada pelos cuidados da família estendida, o bando, a tribo pré-configurada, fizeram com que, à medida que colonizávamos novos ambientes, fossem destacados, sonhados e nomeados a comida boa, os animais peçonhentos, os lugares seguros. A abundância relativa de recursos, a origem dos mitos paradisíacos, potencializou, junto a uma vigorosa sexualidade, o crescimento exponencial de nossa espécie, mas a superexploração e a contaminação geradas localmente ao longo de uma certa quantidade de gerações obrigavam os humanos a seguirem caminhando, e começamos a nos identificar como espécie de comportamento migratório e pulsante, ao mesmo tempo onda e partícula, nômade e sedentária, um bando após o outro percorrendo as

1 Nuria Sanz. 2011. *Human Evolution: Adaptation, Dispersals and Social Developments*. Unesco. World Heritage Center.

rotas que nos levaram ao Ártico, à Nova Zelândia, ao Alasca e à Patagônia em menos de 50 mil anos, em uma estimativa grosseira (14 mil no caso da Colômbia).

Esse processo migratório repleto de escalas da humanidade incipiente gerou, inexoravelmente, a diversidade cultural que, à exceção do primeiro contato com o mundo pré-humano, precisou reinterpretar as condições que os transeuntes do passado haviam deixado: transformados em civilização, os povos se viram obrigados a recolher e aproveitar os restos deixados por seus predecessores, que podiam incluir vestígios do passado, marcas de seu consumo, lixo, artefatos, sinais indecifráveis; talvez até mesmo pessoas, palavras e experiências. Foram as ondas contínuas e sucessivas de colonização que criaram modos diferentes de interpretar o mundo, pois, se por um lado todos os lugares eram originais aos olhos dos recém-chegados, por outro, eles já tinham uma história, criada por aqueles que os abandonaram. Um renascimento a cada passo, uma verdadeira sucessão de perspectivas ecológicas em trânsito pela história.

Na figura 1, imagem do povoamento planetário, construída e comprovada pela arqueologia, pela linguística e pela biologia molecular dentro da tradição ocidental, os humanos surgem como habitantes da crista de uma onda que os espalhou lenta e ordenadamente pelo mundo. Mas é verdade que a imensa variabilidade de condições de assentamento ao longo do espaço e do tempo fazia com que nenhum lugar fosse seguro (ou satisfatório) para sempre, de forma que vínculos, memórias e conexões (que, com o passar dos anos, dariam lugar ao comércio e às relações exteriores) só fossem preservados ocasionalmente. Os humanos exploraram, foram

Anos transcorridos desde o primeiro assentamento humano

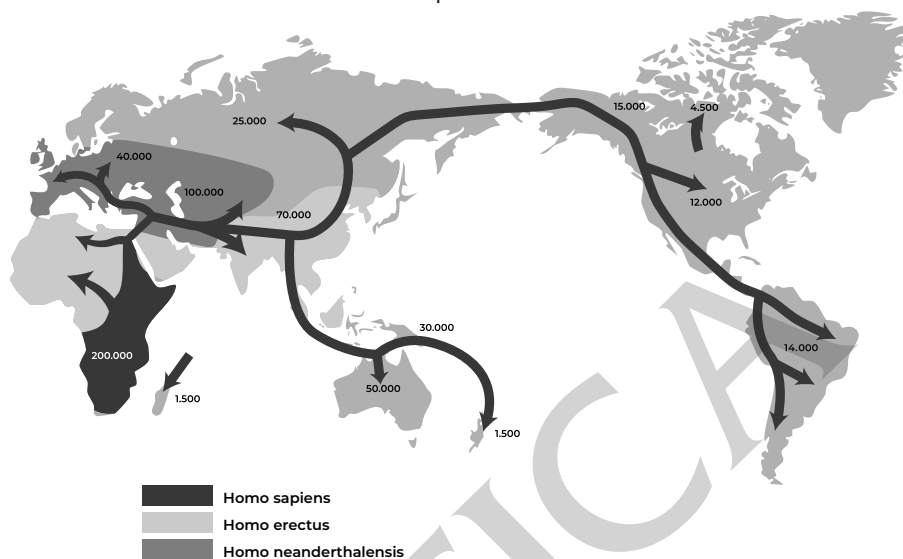


Figura 1. Mapa do processo de povoamento humano.

Fonte: Wikimedia Commons: “Expansión del *Homo Sapiens*”.

e vieram, e muitas vezes, ao tentarem engatar a marcha a ré, descobriram que seu espaço anterior havia sido ocupado e agora era defendido com unhas e dentes. A noção de propriedade surgiu das tentativas fracassadas de recolonizar espaços perdidos, eventualmente degradados e recuperados pelas dinâmicas biológicas ou pelos recém-chegados, que podiam ser mais engenhosos. A guerra se legitimou com a memória: “Nós já havíamos passado por aqui, não há espaço para a chegada de outros”. A história conflitiva da dispersão humana está inscrita em todas as tradições; com suas tragédias e epifanias; suas inovações sociais que abrigavam em seu ventre a possibilidade de compartilhamento do território e seus

recursos; as vantagens evidentes da mestiçagem e da associação; e a eficácia de incorporar estratégias adaptativas prévias durante novas fases de expressão material e simbólica da cultura. O sincretismo é uma estratégia ecológica única de nossa espécie, embora não garanta respostas duradouras ou mais apropriadas para os desafios adaptativos: o vigor híbrido não propicia um maior direcionamento teleológico se comparado a outras estratégias e pode levar aos mesmos becos sem saída que a endogamia.²

É mais fácil entender esse processo de construção de modelos sequenciais de ocupação da terra em segmentos estreitos dos continentes, como é o caso do Sudeste Asiático ou da América Central, onde a história das sucessivas ondas migratórias permanece na memória e nos oferece um sem-número de modelos culturais que produziram, ao longo dos séculos, massacres e invasões, alianças comerciais, coalizões políticas e impérios. Os deuses e as convicções de cada povo foram arrasados, substituídos, assimilados ou modificados por aqueles que ocuparam, um após o outro, o território, que via de regra era reinterpretado para favorecer os recém-chegados e, às vezes, sabiamente, de modo a incorporar determinados conhecimentos e capacidades adaptativas de quem já havia estabelecido laços com seus rios, montanhas, plantas e animais, embora, com mais frequência, isso fosse feito com narrativas identitárias construídas sobre a afirmação da supremacia para

2 Entende-se por vigor híbrido a condição biológica adaptativa favorável que caracteriza a descendência de indivíduos provenientes de características genéticas distantes. Uma porcentagem dos humanos é descendente da mistura de neandertais e *sapiens*, o que, aparentemente, trouxe maior resistência ao frio, mas também vulnerabilidade à diabetes e à cirrose (<https://es.wikipedia.org/wiki/Heterosis>).

construir legitimidade. A colonização cultural não é um fenômeno novo.³

Em regiões de arquipélagos, como a Indonésia, as Filipinas ou as Antilhas, ou naquelas dominadas por relevos pronunciados, como o Himalaia, os Andes ou a Nova Guiné, havia muitos esconderijos para a população, de modo que as ondas de povoamento, que tendiam a seguir de maneira orgânica as rotas facilitadas pelos rios e pelo relevo, frequentemente deixavam de lado povos inteiros, invisíveis aos olhos alheios. Com o tempo, cada ilha ou pequeno vale produziria uma língua, uma maneira de habitar, uma cultura e... uma revisão dos relatos de origem.⁴ Em alguns casos, as selvas densas e a corrente dos rios tornavam quase impossível o acesso a determinados territórios, e por isso os primeiros povoadores conseguiram permanecer ali por milhares de anos, como se especula ser o caso dos pintores dos murais em Chiribiquete⁵ e a presença de povos indígenas não contatados na região.⁶

Povoar, repovoar e voltar a repovoar o mundo é uma história que deixa marcas trágicas nas culturas do presente. Hoje, o conflito árabe-israelense é, talvez, o mais conspícuo, mas todas as guerras fundamentadas em supostos direitos

3 Walter Mignolo. 2000. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton University Press.

4 Para muitos povos da Amazônia colombiana, a noção de “centro” é a de “lugar de origem” ou “nascimento”, situados em lugares sagrados da selva, sem vínculo algum com a história das ondas de povoamento pós-glaciais e muito menos com a das pós-hispânicas.

5 Carlos Castaño-Urbe. 2019. *Chiribiquete: La Maloka cósmica de los hombres jaguar*. Mesa Estándar. Bogotá.

6 Roberto Franco. 2002. *Los carijona de Chiribiquete*. Fundación Puerto Rastrojo. Bogotá.

ancestrais, nas premissas de algum deus com pretensões universalistas, em estátuas de heróis imbuídas de caráter fundador ou na invenção do heroísmo dos autocratas, são resíduos de migrações originais não coordenadas, porque se tratou, como ainda se trata, de um processo ecológico e espontâneo em grande escala que opera equilibrando os modos de vida humanos com o povoamento do planeta – processo que permanecerá incompleto enquanto não entendermos direito nosso papel enquanto agentes de mudança global, evidenciado pela primeira vez pelo advento da crise climática⁷ (embora as pestes já tivessem dado indícios). De fato, a noção da origem como fonte de direito territorial, ou dos corpos das mulheres como fonte de direitos reprodutivos, é cada vez menos contundente, e isso torna os tecidos cognitivos traçados entre as anatomias, as comunidades e a biodiversidade – ou seja, o conhecimento ecológico – um recurso melhor para substanciar legitimidades com fundamentos bioéticos.

No fim, as migrações continuam sendo um mecanismo fundamental para a criação de novos mundos, tal qual revela a consolidação dos territórios da Lei 70 na Colômbia, constituídos na década de 1990 como resultado da história do assentamento de comunidades descendentes de escravos africanos no Pacífico colombiano,⁸ ou casos de inovação socioecológica associados a diversos tipos de migração, como a cultura *chicana* ou a cultura cabocla, da Amazônia, descrita

7 Embora seja possível estabelecer como primeiro exemplo a luta global contra a escravidão durante os séculos XVII e XVIII.

8 Afro-colombianos, população colombiana com ancestralidade africana. <https://www.mincultura.gov.co/>.

por Cristina Adams e colaboradores.⁹ O lado obscuro, as situações desumanas dos campos de refugiados por todo o mundo, a vida nos túneis das cidades palestinas, as fábricas de montagem em massa ou o tráfico de pessoas, são manifestações espantosas da “nova normalidade” resultantes do deslocamento forçado, das escravidões modernas, de uma fronteira de indecência social e ecológica inusitada.¹⁰

Eduardo Brondizio e Emilio Moran¹¹ nos mostram que povoar e repovoar o mundo sucessivas vezes produziu uma história que são muitas, porque dentro desses processos nossos corpos biológicos e nossas práticas mudaram de sentido de maneiras difíceis de compreender, transformaram quase totalmente os modos de nos relacionarmos entre nós e com as demais espécies, inventaram ficções às quais as pessoas se apegam até a alma, expandiram seus sentidos até perceberem a origem do cosmos e construíram inúmeras interpretações de si mesmas, a ponto de propor a possibilidade de um mundo pós-colonial, trans ou pós-humano, o paradoxo evolutivo mais disruptivo que enfrentamos quando nossa consciência, expandida durante os últimos milênios, nos diz que talvez estejamos chegando ao limite de nossa própria

9 Cristina Adams, Rui Murrieta, Walter A. Neves. 2006. *Sociedades caboclas amazônicas: Modernidade e invisibilidade*. Annablume.

10 Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (<https://www.unhcr.org/refugee-statistics/>), estima-se que, em meados de 2023, pela primeira vez na história, o número de pessoas deslocadas à força atingiu os 110 milhões, número ao qual se somam mais de 36,4 milhões de refugiados; alguns vivem há cinquenta anos em acampamentos, como os do povo saaraui, no sul da Argélia. https://en.wikipedia.org/wiki/Sahrawi_refugee_camps.

11 Eduardo S. Brondizio, Emilio F. Moran. 2012. *Human-Environment Interactions: Current and Future Directions*. Springer.

incompetência enquanto espécie,¹² onde apenas um salto qualitativo, uma gigantesca mutação biocultural, permitirá que nos transformemos em algo diferente para continuarmos habitando o mundo que até agora destruimos em benefício próprio, tão injusto e estranho que já não é mais capaz de nos sustentar.

CRÍTICA

12 Embora possamos dizer, como Augusto Ángel, “incompetência de projetos culturais específicos”. Ver: *La fragilidad ambiental de la cultura. Historia y medio ambiente*. 1995. Segunda edição, 2015. Publicação on-line: www.augustoangel-maya.com.